ANO 11.º — Sexta-feira, 7 de Fevereiro de 1919 — Numero 559

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(*)—

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A CAMINHO DA VITÓRIA

Lá seguem impávidos, resolutos e firmes na vitória, os valorosos soldados da Republica. Vão confiantes, cheios de fé, a trasbordar de entusiasmo. O Vouga defenderam-no com alma; o Porto hão-de toma-lo aos intrusos representantes da carcassa monarquica, com galhardia. Vai ser um dia grande, esse, para a Liberdade e para o regimen que o povo português escolheu livremente e deseja manter em toda a sua essencia e purêsa. Preparemo-nos para o saudar. E impelidos pelo mesmo sentimento patriotico, pelo mesmo ardor, pela mesma paixão que tornou possivel o 5 de Outubro de 1910, gritemos em unisono:

Viva a Republica Portuguêsa!

E' preciso... esperar

Como um bando de corvos, redemoinhando em vôo pesado e desigual, entre um côro de pios lugubre e irritante, vem ha dias ensaiando a passagem pelas lindas margens do Vouga, a coorte, ridicula e barbara, dos soldados de Paiva Couceiro, o *regente*, que ordena e decreta em nome do rei—do rei que mente, do rei que quer e não quer, do rei ultima e pôdre vergontea dos Braganças, vis e hipocritas, cobardes e avarentos, com todos os vicios dos lupanares e toda a escola dos jesuitas!

Paiva Couceiro vai assim esbofeteando, ha perto de tres semanas, a Honra, o Direito, a Justiça; espesinhando a Liberdade, a Civilisação, a familia portugueza; esmagando o Povo, que é a realidade; amorfanhando a inteligencia, que é a luz; torturando a humanidade, que é a razão!

Na letra dos seus *decretos*, na essencia das suas *leis*, o *regente* deixa vêr assinalado o rancor, o odio, a furia desmedida contra a vontade soberana do Povo, que quer a Republica, mantendo o regimen que, á custa do seu sangue, numa luta leal, decidida e firme, conquistou em 5 de Outubro de 1910 e manteve em 23 de Janeiro findo, tomando de assalto o covil das féras, em Monsanto, de onde se fez fogo com granadas incendiarias sobre a cidade de Lisboa e onde se fuzilaram, num excesso de barbarismo puramente germanico, oficiaes atados a arvores com arame farpado!

* * *

O bando de corvos aí está, ao norte do Vouga, pousado na elevação dum monte, como uma larga mancha negra, cobrindo a terra, numa quiétitude funérea, numa inercia de... cadaveres!

E' o Destino que os amarra ali, enleiando-os nas determinações e nas ordens que vem do *regente*, demorando-os, assim, por desconhecidos motivos, até que chegue a hora, a hora suprema da Justiça e sejam os primeiros a pagar a sua traição!

Sobre esses miseraveis passará a onda altaneira, a vaga impetuosa da Liberdade, cantando pela bôca dos canhões e pela bôca dos soldados, o hino estridente da vitória, que ninguem poderá evitar.

Esperemos, pois, mais umas horas, mesmo mais alguns dias. Façâmos todos esse esforço para obtermos a resignação indispensavel; visto aproximar-se o momento decisivo e supremo, decidido e forte em que os fados terão de cumprir-se.

A vitória da Republica não se limitará sómente ao triunfo que as armas lhe trarão.

A vitória da Republica será completa, formal, absoluta, de um retumbante efeito no campo politico, moral e nacional.

E, como a luz duma madrugada doirada e linda que invada o firmamento, assim a luz da vitória pulverisará de scintilações intensamente brilhantes o solo da Patria.

Esperemos, esperemos um pouco mais...

Um gesto

O ministro da justiça do governo transacto, que, como se sabe, era o snr. dr. Francisco Joaquim Fernandes, monarquico categorisado, ao ter conhecimento dos acontecimentos do norte, abandonou os seus antigos correligionarios, declarando-se incondicionalmente ao lado da Republica.

Pelo menos é o que se infere duma conversa que lhe foi surprehendida, com alguns amigos, no salão do Avenida Palace, em Lisboa, durante a qual se ouviu ao ex-ministro da Justiça dizer:

—O que se fez no Porto é uma deslealdade que excede tudo quanto se poderia imaginar. Eu nada sabia. Não me consultaram, nada me disseram. Não sou solidario com tal movimento. Repilo-o!

E, depois de refletir um instante, com calor:

Atiraram-me para a Republica!

Tambem se confirma que os outros ministros, seus colegas, sem filiação, o acompanham, vindo enfileirar a nosso lado.

Pois bem vindos sejam desde que venham animados das mais puras intenções, como crêmos.

Os realistas

Oito dias sem darem acordo de si

Nada de novo durante a semana. Os *paivantes* continuam a recuar, encontrando-se agora entrincheirados num monte em S. Martinho de Salreu, proximo de Estarreja.

As deserções contam-se ás centenas, sinal de que a desmoralisação das tropas do *regente* ultrapassou os limites do imaginario.

Hoje ou ámanhã é esperado nesta cidade o ilustre ministro da Justiça, sr. dr. Couceiro da Costa, que, em nome do governo, vem visitar as tropas em operações. Será curta a sua estada entre nós, mas nem por isso Aveiro deixará de prestar ao prestigioso filho de esta terra as homenagens a que tem incontestavel direito.

Dois hidro-aviões já voaram sobre o Porto, lançando milhares de proclamações e jornaes. Na volta destruiram parte da linha ferrea de que os revoltosos se serviam até Estarreja.

Um telegrama

O *Seculo*, de 21 de janeiro findo, ou seja dois dias depois de ter rebentado a revolta monarquica no norte, insere o seguinte telegrama enviado desta cidade ao ministerio do Interior:

Para conhecimento ex.mo ministro, comunico que, coerente minhas declarações, não autorisei ninguem utilisar meu nome para qualquer movimento restauração monarquica presente conjuntura.

(a) Comandante militar de Aveiro.

João de Almeida
Coronel

Estas poucas linhas são a confirmação tacita de quanto o seu autor escreveu numa carta a que no numero passado aludimos e por onde fica exuberantemente prova do que a aventura dos *paivantes*, não tendo a apoia-la as figuras mais representativas, de maior valor e são critério do antigo regimen, está fatalmente condenada a liquidar com estrondo, de encontro á traição donde saiu.

* * *

O coronel sr. João de Almeida foi conduzido sob prisão para Lisboa e deu entrada na Torre de S. Julião da Barra.

ALVITRE

Demonstrando a historia dos ultimos oito anos, dum modo evidente e incontestavel, que para alcançar o poder é indispensavel uma revolução, alvitra o nosso brilhante colega *Jornal de Alemquer*, pela penna do seu assiduo colaborador F. de M., que, se o mesmo poder tem de ser alcançado a murros, se esmurrem sómente aqueles que o disputam e não os que pretenções algumas teem ou pretendem.

Sômos da mesma opinião. Só pelas vidas preciosas que assim se poupavam...

PELA IMPRENSA

—(*)—

"O Setubalense,,

Acaba de nos visitar este diario republicano da noite, bem redigido e superiormente orientado, que se publica na cidade de Elmano. Vai no terceiro ano e é seu redactor principal o snr. Manuel Reimão.

Cumprimentando-o, gostosamente vâmos estabelecer a permuta.

"Distrito de Aveiro,,

Assumiu de novo a direcção deste semanario republicano local, o considerado causidico, nosso amigo, dr. André dos Reis.

DENTISTA
CANDIDO DIAS SOARES
AVEIRO
Instalou o seu consultorio na Rua Coimbra (antiga Costeira) n.º 11, onde continua ao dispôr dos snrs amigos e clientes.

Não faz sentido

—(*)—

O *Distrito de Aveiro* insere uma carta do snr. dr. Rui da Cunha e Costa, na qual este cidadão declara desligar-se da *Junta Distrital Republicana*, em consequencia da atitude dos seus colegas para com o professor Teixeira Neves.

Em boa verdade, não é a carta daquele snr. que pretendemos discutir, mas sim o facto que ela revela, sem duvida bem estranhavel, quando é certo que não vemos proceder por igual maneira com os outros conhecidos monarquicos, especialmente aqueles militantes e ostensivamente desafectos ás instituições republicanas, que por ai passeiam *com ares altivos e provocadores*, crime que apenas foi lobrigado até agora no sr. Teixeira Neves.

As simpatias que este cavalheiro nos merece estão consignadas em anteriores numeros deste jornal, onde fustigámos duramente o seu proceder como autoridade administrativa e policial. Não podemos por isso e por todas as mais razões ser apodados de parciaes ou movidos por qualquer principio de simpatia que nos ligue ao citado cavalheiro.

O que discutimos, no pleno uso do nosso direito de critica, é a desigualdade havida para com ele, numa excepção deprimente, em confronto com a tolerancia, que atinge uma classificação que não queremos agora dar, havida com correligionarios seus da mesma sorte inimigos da Republica.

Não, não faz sentido.

Porque se obrigou a afastar-se desta cidade o sr. dr. Teixeira Neves quando os seus correligionarios continuam a pavonear-se por essas ruas?

E' preciso estabelecer que não colhe o argumento de que a hora não é azada para discussões.

Todas as horas e todas as ocasiões são boas para se pedir equidade e justiça.

Fômos os primeiros que consignámos a necessidade indispensavel de não haver violencias, desordens, vinganças. Isso, porêm, só nos autorisa a protestarmos contra tudo quanto se pratique de menos equitativo.

Não pedimos, evidentemente, a mais pequena violencia contra ninguem; mas baseados nas mesmas razões que determinaram a ausencia do sr. Teixeira Neves, é para estranhar que eguaes medidas de precaução não atinjam da mesma sorte os correligionarios deste senhor.

O contrario disto, repetimos, não faz sentido.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Brito*.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

O GOVERNO

—(*)—

Tal qual o démos constituido no numero transacto, apresentou-se na segunda-feira ao Parlamento o novo ministerio de concentração republicana presidido pelo sr. José Relvas, que, apoiado por todos os lados da câmara, e concretisou na seguinte declaração as instruções do gabinete:

O ministerio chamado a dirigir os destinos do paiz, por decretos de 27 do mez findo, vem hoje apresentar-se ao Congresso da Republica e saudar os representantes da Soberania Nacional, no momento gráve em que os inimigos do regimen atentam contra este, esquecendo o bem da sua Patria e os compromissos de honra que tomaram.

Tendo-se organisado nos termos da lei fundamental do Estado, constituindo o unico governo legitimo de Portugal, congregando não só as diversas correntes de opinião republicana, mas tambem a socialista, julga satisfazer, na sua estrutura, ás condições indispensaveis para a defêsa das instituições, além de corresponder aos elevados desejos do primeiro magistrado da nação e ao justificado anceio de todos os bons portuguezes.

O governo quer e deve viver com o parlamento, numa atitude de absoluto respeito pelas prerogativas do poder legislativo e na mais perfeita comunhão de vistas, de intuitos e de acção com os elementos republicanos que nele teem assento, para que nesta hora solène possa realisar-se entre todos uma união tão forte e tão estreita, que na seguinte formula se defina: «Um por todos, todos por um, e um e todos pela Patria e pela Republica.»

A sua missão é grande e bem dificil, mas em poucas palavras se resume: subjugar energica e rapidamente a revolta monarquica, promover a punição justa e legal de todos os responsaveis por tão criminosa tentativa, restabelecer a normalidade em todo o paiz e em seguida entregar o regimen, salvo e purificado, em mãos que forem competentemente escolhidas para a continuação da obra redentora iniciada apenas em 5 de Outubro de 1910.

De resto, cumprirá religiosamente todos os compromissos de ordem internacional, tanto mais facilmente, quanto é certo que se manteem inalteravelmente firmes e cordeaes as nossas relações com os governos estrangeiros; fará, em todos os ramos do serviço publico, administração escrupulosa e honrada, e procurará provêr, com devotado interesse, a todas as exigencias e dificuldades do actual momento.

Prometer largas reformas, rasgadas iniciativas ou medidas de fomento, em semelhante ocasião,

seria prometer o impossivel, e o governo só falará ao paiz, hoje e sempre, a linguagem da verdade.

Enfim, sob o ponto de vista politico, o ministerio, porque é de todos os partidos, não tem partidos, não tem partido algum. O seu partido é a Republica, o seu programa é defender a Republica, a sua ambição é salvar a Republica.

Nem só um instante desfalecerá na execução do seu mandato, e, seguro da confiança da chefe do Estado, do apoio patriotico do parlamento portuguez, da sublime dedicação do povo republicano e do indomavel valor das forças fieis de terra e mar, afirma bem alto a sua fé inabalavel no triunfo e jura defender a Republica até ao ultimo dos sacrificios, até á maxima das abnegações.

Por nossa banda só desejâmos que os republicanos dando o exemplo da mais solida união entre si, cumpram integralmente o seu dever.

Através a imprensa espanhola

Os jornaes espanhoes relatam com minucia o insucesso da tentativa de Monsanto e dão noticias pormenorisadas ácerca do movimento insurrecional do norte.

O *Imparcial*, de Madrid, referindo-se ao *raid* efectuado pela *Guarda Real dos Trauliteiros* nos arredores de Aveiro, escreve:

Noticias llegadas del Norte dicen que el grupo de Oporto llamada Partido de la porra *realizó una incursión sobre Aveiro, donde fué recibido com descargas cerradas por las fuerzas de la Republica, que les obligaron a huir, abandonando 30 automóviles y dos muertos.*

Esta e *la trampa de los antecipos* são o que temos visto de melhor, no género...

MUITO GRAVE

E' muito grave, senão gravissima, a crise alimentar que nos envolve numa prespectiva absoluta, deveras aflitiva.

O isolamento completo de comunicações ferro-viarias, vai para tres semanas, para o sul como para o norte, donde geralmente se importavam em maior numero os géneros de primeira necessidade, acrescido com o aumento notavel da população, em vista da concentração de numerosas forças nesta cidade e suas proximidades, determinou o esgotamento quasi de tudo quanto é necessario á vida.

Não ha açucar, nem arroz, nem petroleo, nem bacalhau, nem velas, nem azeite, nem farinha. O pão cada vez é mais pequeno e a população, que tantos sacrificios tem passado, sofrendo-os com evangelica resignação—a começar pela extorsão verdadeiramente criminosa do comercio *honrado* da terra—tem o direito de exigir que alguem, a quem cabe o dever de tomar providencias, se mexa e adopte as medidas que a situação exige prontamente.

O snr. governador civil, a Associação Comercial e a Câmara poderiam envidar os seus esforços para que de Lisboa ou de outra qualquer parte, fossem expedidas para o celeiro municipal as mercadorias e géneros indispensaveis a atenuar esta crise que póde trazer funestos resultados para todos.

E' preciso olhar e vêr o que se está passando de gráve no sentido exposto. E isto sem demora para evitar mais complicações.

O petroleo

Pelo ministerio dos abastecimentos foi comunicado a 30 de janeiro, que, a partir desse dia, nenhum revendedor poderia fazer venda deste combustivel por preço superior a $28 o litro, sob pena de ser punido segundo as leis em vigor.

Está claro que o publico rejubilou com a medida. Mas o peor é nós querermos compra-lo e responderem-nos nas lojas e no deposito da Companhia que nem pinga dele existe.

A quatorze vintens! Hum...

31 de Janeiro

—(*)—

Aveiro comemora entusiasticamente esta gloriosa data

Na noite de sexta-feira ultima, 31 de Janeiro, teve logar no teatro desta cidade, uma imponente sessão soléne, comemorando a gloriosa jornada que, em igual dia de 1891, tivera logar na invicta cidade do Porto.

Seriam 21 horas, estando o teatro repleto, foi indicado para presidir á sessão o sr. Raul Tamagnini Barbosa, inspector da alfandega do Porto, e a quem os acontecimentos desenrolados na capital do norte obrigaram a refugiar-se entre nós.

A sala aplaude a proposta entre vivas aclamações e ocupado aquele logar são convidados para secretariarem os srs. Oliveira Lopes, como representante do concelho de Ovar e o snr. Almeida d'Eça, do de Estarreja.

Aberta a sessão, agradece o presidente a lembrança do seu nome para missão tão honrosa, divagando a seguir sobre o que se está passando no Porto, com a prática de violencias, ilegalidades, crimes em nome dum principio que iniludivelmente o paiz repudia com toda a energia.

Engrandece a atitude do povo republicano desta cidade e da região, que t o patrioticamente se opôz ao avanço das hostes couceiristas, assim como o elemento militar, que, num impulso de amor patrio, digno de imitação, estabeleceu a barreira invencivel para aqueles que julgaram medir os actos dos outros pelos seus.

Conhecia de ha muito, diz, a bela cidade de Aveiro para onde as vicissitudes dolorosas do momento de novo o impeliram e onde se encontrava a coberto das torturas dos algozes, que áquela hora infestavam o norte do paiz. Sauda Aveiro, berço da Liberdade e patria do grande portuguez que foi José Estevam, porque abria os braços a quantos o procurassem como protector refugio na hora de atribulação e de angustia atravessada por todos os republicanos.

Formidaveis aplausos estrugem, irrompendo calorosos vivas á Patria, á Republica, ao Porto, á Liberdade, ao Exercito e á Marinha, manifestações a que a assistencia se associa num entusiasmo vibrante e que pouquissimas vezes temos visto, entre nós, manifestar-se com tanta veemencia.

E' dada a seguir a palavra ao snr. dr. Pedro Chaves, que a sala ovaciona entre vivas e palmas. S. ex.ª pede para que essas palmas e esses vivas vão intactos para os seus valorosos conterraneos que com a maior energia e denodo receberam a tiro a malta invasora, retirando sómente quando ordem para isso foi dada.

O seu discurso é ouvido com um religioso silencio e entrecortado com quentes aplausos.

O orador, muito conhecido entre nós, termina o seu belo improviso, que pronuncia no camarote onde se encontra, dizendo que a lição tem sido dura e deve aproveitar a todos os republicanos, pois da sua má orientação e dos seus manifestos erros é essa lição uma resultante. Faz votos para que todos enveredem pelo caminho que os principios impõem, sendo de opinião que deve ser expulso do seio republicano todo aquele, seja quem fôr, que assim não proceda.

Soltam-se *apoiados* por todas as partes e uma aclamação estrondosa cobre as ultimas palavras do ilustre orador.

Segue-se o sr. dr. Barata da Rocha, tenente medico, que a assembleia recebe com uma carinhosa e viva manifestação.

S. ex.ª, que fala com intima convicção, imprime ás suas palavras uma nota de tanta sinceridade e ardor, que a sala não se cança de constantemente o interromper, aplaudindo, com frenesi, o seu discurso.

Sem vaidade e a proposito, o orador fala das cicatrizes que lhe assinalam o corpo, onde as balas alemãs o atingiram e da Cruz de Guerra, que lhe pousa no peito. Bateu-se pela Patria e pela Republica e ali está para continuar no cumprimento desse dever, não contra os *boches*, mas contra os *ultra-boches* das hostes couceiristas.

O snr. dr. Barata da Rocha termina a sua entusiastica oração entre estrepitosos vivas e palmas, que continuam quando o sr. dr. Alberto Ruela faz, em curtas palavras, a afirmação entusiastica dos seus principios republicanos e da crença no triunfo decisivo do Ideal de todos nós.

Por sua vez, o sr. Secundino Branco Junior, estudante foragido do Porto, refere os seus trabalhos em defêsa da Republica que ha muito via ameaçada, tendo em Espinho, numa das suas visitas de propaganda, sido recebido a tiro com outros companheiros.

Esteve preso e sentia-se feliz pela atitude de todos os republicanos contra a tentativa monarquica que veio emporcalhar a historia portugueza.

Palmas estrepitosas aplaudem o simpatico orador, a quem se segue o snr. dr. Joaquim de Melo Freitas, que, do camarote onde está, historía os episodios em Aveiro passados ha 28 anos quando aqui estava tudo preparado para secundar o movimento insurrecional do Porto.

Depois o dr. Alberto Souto, que a assembleia recebe entre efusivas demonstrações de simpatia e apreço, faz um curto mas empolgante discurso que termina entre quentes aplausos pela eloquencia de que foi revestido.

O sr. Viriato de Almeida, professor, refere os seus sofrimentos durante 48 dias de prisão; afirma a sua fé politica e declara tambem esperar pela hora do triunfo, que não deve tardar.

Segue-se o nosso colega do *Distrito de Aveiro*, dr. André dos Reis, que, recebido com palmas calorósas, acorda quanto a historia regista com a revolução franceza de 1789, fazendo vários confrontos dos factos daquela data com os que, durante a existencia monarquica, se deram em Portugal.

Defende a obra da Republica, afirmando que em todas as suas leis e medidas se encontra um fundo de progresso e generosidade. Alude á lei de Separação e ás suas disposições genuinamente democraticas, garantindo e defendendo os principios religiosos com acerto e proveito que, para o verificar, bastarão os incredulos simplesmente lerem esse estatuto. Alude á proxima vitoria da Republica, já em parte conseguida com a derrota daqueles que tentaram passar o Vouga, lembrando os sacrificios de todos que, numa bela espontaneidade, correram a prestar os seus serviços em defêsa das instituições. Cita, com orgulho, o nome dum filho querido desta terra, que pelo seu caracter, lealdade e dedicação merece o aplauso e a simpatia de todos os republicanos: o dr. Couceiro da Costa, atual ministro da Justiça. Ecoam por toda a sala estrepitosas palmas, vivas, por largo tempo, propondo o orador que seja enviado áquele cidadão um telegrama de felicitações e simpatia.

Nesta altura, o presidente lembra a conveniencia de ser expedido tambem um telegrama ao Chefe do Estado, afirmando que todo Aveiro está ao lado da Republica e da Patria. O sr. dr. Pedro Chaves lembra que, surgindo a devida oportunidade, se telegrafe tambem ao capitão Belmiro Duarte Silva, preso ainda no Porto e impossibilitado pela situação daquela cidade de ser restituido á liberdade. Ambas as propostas são aprovadas entre os aplausos e vivas da assembleia.

Fala tambem o sr. dr. Rui da Cunha e Costa, que profere singelas e curtas palavras, seguindo-se-lhe o snr. Mario Ceia, estudante, que fez em Aveiro o curso do liceu e que do Porto aqui aparece nas linhas da frente em defêsa da Republica, pela qual afirma o seu desmedido amor, pronto para os maiores sacrificios que dele sejam exigidos.

Ao terminar o seu discurso—tão simples como sincéro—que a assistencia aplaude, é apresentada pelo dr. Alberto Souto uma bandeira republicana, destinada ao esquadrão que, sob o comando do dedicado e valente tenente Roby tem feito prodigios de valor e de arrojo por esses campos do Vouga, batendo e perseguindo os *paivantes* desenfreados.

A bandeira é entregue ao tenente medico, dr. Barata da Rocha, que para ela tem ardentes palavras de engrandecimento e de afecto, referindo que entre a metralha inimiga nos vastos campos da Flandres, entre nuvens de ferro e de fogo, que pulverisavam a morte, ele nunca vira senão aquela! Ao terminar estas palavras, o brioso oficial beija, com ancia, a bandeira e então a assistencia, num fremito de indiscritivel entusiasmo, ergue-se num delirio de aplausos, palmas, vivas, agitando os chapeus, manifestação que dura por largo tempo.

Serenada a tempestade, o ilustre presidente encerra a sessão, que apezar de todas as contingencias de momento, traduzia uma explendida afirmação de fé republicana, manifestada pelo povo aveirense.

A festa, que tão brilhantemente ali se realisára, devia ser para todos uma intima consolação e um preito de homenagem, não só aos gloriosos mortos de 31 de Janeiro, mas ás vitimas que naquele momento, sofriam os vexame e as violencias dos traidores, que, num salto de tigres, pretenderam estrangular a Patria.

Viva a Patria!

Viva a Republica!—terminou o sr. Tamagnini Barbosa.

E a sala, sem excepção de uma só pessoa, corresponde com todo o entusiasmo, com todo o calor.

No palco, engalanado com magnificas plantas, via-se um belo busto da Republica, encimado por uma bandeira nacional.

O AÇUCAR

A despeito da pronunciada falta deste precioso género, tanto em Aveiro como no resto do paiz, consta que na fabrica Colonial, de Alcantara, Lisboa, existem 200 toneladas já fabricadas e 400 por fabricar, não havendo dependencias para armazenagem das sacas cheias, como muito bem nota um colega.

E o governo, que diz a isto? Não será tempo de pôr côbro á exploração infame de que continuamos a ser vitimas?

JUSTO LOUVOR

—(*)—

Duma carta inserta no *Seculo* de 30 do mez findo, e enviada pelo seu correspondente especial, que ha dias se encontra nesta cidade, em razão dos ultimos acontecimentos, recortamos o seguinte, que gostosamente reproduzimos:

Visitei ontem o hospital civil de Aveiro. E' um estabelecimento verdadeiramente modelar, digno de duas palavras de louvor, a proposito da sua actual conversão em hospital de sangue. Construido no extremo sul da cidade, no logar onde anteriormente existia a capela da Senhora da Ajuda, que dá o nome ao local, o hospital civil de Aveiro rivalisa pela sua vastidão, higiene e conforto com os hospitaes congeneres das capitaes do paiz, representando um titulo de gloria para o seu atual director, sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, a cuja inquebrantavel tenacidade se deve este notabilissimo melhoramento.

O hospital compõe-se de um grande corpo central, onde ficam a farmacia, o banco, a sala de operações, os quartos particulares, a cosinha e outras dependencias, e de dois extensos corpos lateraes, quasi inteiramente ocupados por duas vastas e arejadas enfermarias. Ao centro dos tres corpos do edificio estáse construindo um magnifico pavilhão, destinado a instalação definitiva da farmacia, da sala de operações, consulta externa, quartos para medicos, etc.

Todas as dependencias, muito brancas e iluminadas, são um prodigio de limpeza e conforto. Ha ainda um pavilhão isolado para doenças infecciosas e pequenas enfermarias, para onde estão sendo removidos os doentes atuaes, a fim de que as duas enfermarias grandes fiquem inteiramente livres para receber os feridos das nossas tropas.

O QUE SE PASSOU EM VIZEU

—(*)—

Relatando os acontecimentos desenrolados na cidade de Viriato, o nosso colega *A Voz da Oficina*, de 29 de janeiro, escreve:

As tropas aquarteladas nesta cidade, infanteria 14 e artilheria 7, comandadas pelo monarquico Paulo do Quental, comandante da 2.ª Divisão do Exercito, depois de terem recebido instruções da já celebre Junta Militar do Norte, restauraram em Vizeu a monarquia no dia 19 do corrente.

Pela 1 hora da tarde o monarquico Paulo do Quental fez percorrer as ruas da cidade todas as forças do seu comando e quando passavam pelos edificios publicos e quarteis era ali arvorada a bandeira monarquica, recebendo esta a continencia das tropas e as aclamações de alguns garotos que ostentavam, por sua vez, bandeiras azues e brancas e o retrato do fugitivo da Ericeira, que o povo republicano para sempre baniu do nosso querido paiz. Neste cortejo organisado sómente pelo elemento militar, por meia duzia de oficiais sem dignidade e sem prestigio algum, desses senhores que não sabem honrar a sua farda e os seus galões, viam-se encorporados muitos oficiais republicanos porque não sabiam do que se preparava e não podiam de momento sufocar aquela triste e ridicula aventura, sem que o sangue corresse pelas valetas e a ordem fosse alterada por fórma a sobressaltar a população local, e isto mesmo seria um gesto infrutifero em virtude de já terem presos muitos distintos e briosos oficiais ás ordens desse despresivel comandante que hoje está na Penitenciaria de Coimbra, aguardando que lhe seja feita justiça implacavel e sevéra.

Póde-se dizer, e isto sem medo de qualquer desmentido, que a proclamação da monarquia em Vizeu foi por todos os modos ridicula, cavilosa e revestida de umas afirmações muito gráves da parte de um senhor Leitão, comandante de infanteria 14, que afirmou perante alguns oficiais e sargentos *que a monarquia era restaurada em Portugal por imposição das nações estrangeiras!!!*

O oficial que fez em publico tamanhas declarações, que tinham por base sómente a calunia grosseira, atrevida e cavilosa, merece um castigo condigno por fórma a que não torne a passeiar as ruas de Vizeu nem o solo de Portugal.

Durante o dia 19 do corrente consentiu o comandante da 2.ª Divisão que alguns meninos atrevidos saíssem para a rua exibindo a sua verborreia avinhada e fizessem com que uma filarmonica da terra tocasse o hino da carta. Algumas Associações, como a dos Bombeiros Voluntarios e o Gremio de Vizeu, iluminaram as suas janelas, tendo esta ultima agremiação hasteado no seu mastro um farrapo azul e branco, simbolisando a realêsa, uma monarquia que enxovalhou a nossa historia pela sua indígua administração e pelos crimes tragicos e sanguineos que praticou durante um reinado de crapula.

Os jornaes monarquicos da terra, *O Comercio de Vizeu* e *O Correio da Beira*, ofereceram as suas colunas para a propaganda monarquica e germanofila e para darem conhecimento ao publico do que se passou no Porto e do que fizeram publicar em editaes as autoridades monarquicas de Vizeu.

A monarquia esteve resta rada em Vizeu desde domingo, 19 do corrente, até á madrugada do dia 25, dia em que as tropas da guarnição de Vizeu se renderam e fugiram.

* * *

Após a rendição das forças monarquicas de Vizeu, deram entrada nesta cidade grandes contingentes de forças militares de diferentes regimentos acompanhadas por um grande numero de peças de artilharia. O movimento de tropas nesta cidade é numeroso, achando-se aquarteladas em diferentes logares.

O povo sente-se satisfeito com as tropas aqui aquarteladas, porque é seu desejo defenderem a Republica e esmagar toda a cobardia monarquica que tanto tem espinoteado em diferentes terras para restaurarem a monarquia.

Não podemos dar mais informes aos nossos leitores porque não desejamos tornar conhecidos os planos militares. No entanto podemos garantir que a cidade se encontra bem guarnecida de tropas que sufocarão todos os manejos monarquicos.

A cidade empenha-se o mais possivel em vitoriar todas as forças que aqui teem chegado para defêsa e segurança das instituições.

O mesmo jornal publica em *á ultima hora*, dois editaes do governo civil assinados por José Marques Loureiro e que terminam com esta exclamação: Viva a Republica!

Por onde concluimos que o sr. dr. aderiu no posto de governador do distrito.

Parabens aos correligionarios de Vizeu e... bom proveito...

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 5

Noticias? Onde procura-las se o movimento monarquista do norte absorve todas as atenções? E é que se não fala noutra coisa. Passam comboios nas Quintans carregados de tropa; os automoveis cortam as estradas em diferentes direcções; regimentos do sul seguem pela via ordinaria com rumo a Aveiro e como se isto ainda fosse pouco, não muito ao longe ouve-se distintamente o troar do canhão, de mistura com o estalido sêco dos tiros de espingarda, consequencia logica de que os combates se sucedem numa lamentavel luta de irmãos, visto sermos todos filhos da mesma Patria, acarinhados pelo mesmo sol, mas que a politica tem o grande poder de separar até ao ultimo extremo, tornando-nos irredutiveis, ferozes, irreconciliaveis.

Um pavor! O que se tem passado nos ultimos anos e está correndo ante os nossos olhos, é simplesmente pavoroso. E de quem a culpa? Nossa? Do povo que trabalha e aguenta com todos os pesados sacrificios? Ninguem o poderá afirmar. O mal vem de cima, das classes dirigentes—já vimos esta verdade escrita—e nós concordâmos. São a esses senhores, portanto, a quem devem ser pedidas responsabilidades, a quem o paiz deve exigir ordem, para que a sua integridade não perigue, socêgo, para que possâmos trabalhar sem preocupações e desse trabalho resulte o progresso, o bem estar da nação.

De uma vez para sempre é preciso pôr termo á desordem, á anarquia em que vivemos. Liquidada que seja esta aventura, tem fatalmente de entrar-se em vida nova. E' esse o desejo do povo portuguez e nós que com ele estâmos em contacto, não temos duvida de ser interpretes dos seus sentimentos, colocando-nos abertamente a seu lado.

C.

Alquerubim, 21 de Janeiro

(Atrasada)

Domingo passado e ontem realisou-se nesta freguesia uma grande festividade ao martir S. Sebastião. Prégaram: o rev. paroco Albino de Matos e o sr. prior Brêda, de Barrô, que fizeram brilhantes discursos, os mais sublimes que aqui se teem ouvido.

De tarde, depois de saír a procissão, alguem mandou içar, na cruz da igreja, a bandeira monarquica. Causou espanto, mas, quem mandou é porque podia!...

Constou aqui, de tarde, que em Albergaria tambem foi içada a bandeira azul e branca, mas o povo não consentiu. Arriou essa bandeira, que foi rasgada em pequenos bocados, e içaram a republicana. Disseram que iam ser feitas prisões, mas, como não sômos politico, não fômos saber o que ha de verdade. Contudo, informarei do que souber. Numa ocasião em que se trata de paz, levantar desordens... é coisa celebre! Seria bom que todos fizessem porque o socêgo voltasse a este pobre Portugal que está sendo teatro de scenas que nos envergonham perante os estrangeiros.

C.

AVISO

Previnem-se os srs. mutuarios para pagarem os juros dos penhores com mais de 3 mezes em atrazo, até ao dia 6 do proximo mez de Março, a fim de evitar a venda em leilão que se realisa em dia oportunamente anunciado neste jornal.

Aveiro, 6 de Fevereiro de 1919.

O mutuante,

João M. da Costa